

# CEBRI

ANÁLISE DE  
CONJUNTURA  
INTERNACIONAL

29 de abril de 2025

## Por que o BRICS é Estratégico para o Brasil?



## Por que o BRICS é Estratégico para o Brasil?

29 de abril de 2025

---

O Centro Brasileiro de Relações Internacionais (CEBRI) reconhece que o BRICS representa uma plataforma privilegiada para o Brasil expandir seu protagonismo econômico e geopolítico. Ao consolidar-se como fórum de cooperação entre potências emergentes, o BRICS torna-se uma das portas de entrada do Brasil para a Ásia, ao mesmo tempo em que amplia sua influência na reforma da governança global, na construção de um mundo multipolar e na defesa do multilateralismo. Estas dimensões estratégicas se fazem ainda mais relevantes diante das transformações aceleradas na ordem internacional e do realinhamento das relações comerciais e políticas que estão ocorrendo com o aumento das rivalidades. Participar ativamente do BRICS permite ao Brasil fortalecer sua autonomia estratégica, diversificar parceiros e moldar novas arquiteturas globais de poder.

O crescimento econômico dos membros do BRICS e de seus parceiros é um vetor central da inserção brasileira no mercado asiático. Em 2020, o Produto Interno Bruto (PIB) do BRICS superou o do G7 em paridade de poder de compra, e em 2023 o bloco respondeu por 37,3% do PIB mundial, antes da sua ampliação com novos membros ocorrida em 2023. A taxa de crescimento anual tem sido da ordem de 4,5% entre 1990 e 2022, mesmo diante das crises globais. Mais recentemente, em 2024, os países do BRICS cresceram 3,8%, enquanto o G7 cresceu 1,5%, demonstrando a resiliência dessas economias.

Porém, existe um dado que mostra de maneira inequívoca a importância do bloco. Os países do BRICS – que agora incluem Brasil, Rússia, Índia, China, África do Sul, Egito, Etiópia, Irã, Emirados Árabes Unidos, e Indonésia – representam cerca de 45% da população mundial, aproximadamente cinco vezes mais que os países do G7, que somam cerca de 10%. Em 2024, os países do BRICS apresentam taxas de crescimento populacional superiores às dos países do G7, influenciando no grau de produtividade e de competitividade nas cadeias econômicas de

valor. Enquanto nações como Etiópia (2,55%), Egito (1,47%) e Índia (0,95%) impulsionam o aumento demográfico do bloco, os países do G7 enfrentam estagnação ou declínio populacional, com taxas como -0,66% no Japão e -0,42% na Itália, com a exceção dos EUA (0,98%). Esse contraste reflete uma dinâmica demográfica distinta entre os dois grupos, com os BRICS expandindo sua população e os G7 lidando com desafios relacionados ao envelhecimento e à redução populacional.

Essa realidade traz ganhos concretos para o Brasil: a China absorve 35% de suas exportações, e o comércio com a Índia e a Rússia também se intensificou de forma significativa. Atualmente, o Brasil exporta mais para a Ásia, mesmo desconsiderando a China e o Japão, do que para os Estados Unidos ou para a União Europeia, evidenciando uma reconfiguração profunda de suas relações comerciais. Além disso, o Brasil possui vantagens comparativas em produtos como soja, petróleo, minério de ferro, carnes e café. Com o aumento da demanda por alimentos e recursos naturais nos países do BRICS, o Brasil pode expandir ainda mais suas exportações para esses mercados em crescimento.

O dinamismo econômico asiático, impulsionado por países como China, Índia, Indonésia, Vietnã, e Emirados Árabes Unidos, é um atrativo inegável para o Brasil. A expansão do BRICS em 2023, com a entrada de novos membros permite maior acesso aos mercados da Ásia e também da África e, ainda, permite maior engajamento com fontes de investimentos e a construção de alianças estratégicas. Essa diversificação é essencial para a resiliência e sustentabilidade do crescimento econômico brasileiro, oferecendo alternativas à dependência de mercados tradicionais e proporcionando maior autonomia na formulação de sua política externa.

Nesse contexto, o crescimento das instituições financeiras como o Novo Banco de Desenvolvimento (NDB), o Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura (AIIB) e os bancos de desenvolvimento chineses (CDB e Exim Bank), tem ampliado sua influência no financiamento global. O NDB e o AIIB possuem capital autorizado de US\$ 100 bilhões cada, enquanto os bancos chineses somam ativos acima de US\$ 2 trilhões, superando o volume combinado de instituições tradicionais como o Banco Mundial (US\$ 286 bilhões de capital subscrito) e o BID (US\$ 170 bilhões). Esse avanço reflete uma transformação na arquitetura financeira internacional, oferecendo alternativas mais ágeis e diversificadas para o financiamento de infraestrutura e desenvolvimento, especialmente em países emergentes.

É importante salientar que o BRICS simboliza um ajuste histórico na ordem econômica mundial, refletindo a volta da Ásia ao centro do dinamismo global após séculos de domínio

das economias do mundo ocidental. Sem pretender substituir o Ocidente como núcleo econômico exclusivo, o BRICS diversifica e amplia os polos de crescimento e influência, reinserindo a Ásia, e mais recentemente a África, como protagonistas incontornáveis do século XXI. Esse movimento não configura uma ruptura, mas uma expansão das bases do sistema internacional, com múltiplos centros de poder. Nesse sentido, de acordo como a previsão da Goldman Sachs, das dez maiores economias em 2050, quatro estão localizadas na Ásia: China, Índia- Indonésia e Japão. Esse cenário reflete a crescente influência econômica da Ásia no cenário global, impulsionada por fatores como crescimento populacional, urbanização acelerada, avanços tecnológicos e expansão da classe média.

Paralelamente à dimensão econômica, o BRICS fortalece a capacidade diplomática do Brasil ao institucionalizar o diálogo de alto nível com China, Índia, Rússia e outros parceiros emergentes. As cúpulas anuais e a cooperação permanente dos últimos 15 anos permitiram que o Brasil aprofundasse suas relações bilaterais com estes parceiros, aproximando governos, empresários e sociedades civis. Esse adensamento das relações gerou ganhos estratégicos inéditos ao país, ampliando o espaço para parcerias em áreas como tecnologia, educação, meio ambiente e segurança alimentar. É possível afirmar que as relações bilaterais do Brasil com os países membros é mais densa e profícua do que aquelas existentes antes da criação do bloco. A institucionalização do diálogo permitiu ao Brasil, ademais, avanços significativos na compreensão mútua de culturas e sistemas políticos distintos, criando uma base de confiança que sustenta relações duradouras entre os membros.

O BRICS se afirmou na última década e meia como um bloco crucial na agenda de reforma da governança global, respondendo à necessidade de tornar as instituições internacionais mais representativas da realidade contemporânea. Esta é a origem temática dos BRICS em 2009 e mote fundamental para a adesão brasileira. Países como Brasil e Índia, que são potências econômicas, demográficas e tecnológicas, continuam sub-representados em organismos centrais como o Conselho de Segurança das Nações Unidas, o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial. Ao atuar de forma coordenada no âmbito dos BRICS, essas nações articulam demandas por maior participação, democratização dos processos decisórios e atualização das normas globais, contribuindo para uma ordem internacional mais legítima, equitativa e sustentável.

Em 2025, o Brasil exerce a presidência rotativa do BRICS, uma oportunidade singular para influenciar as prioridades do grupo e reforçar sua posição de liderança entre as economias emergentes. O Brasil se posiciona nessa quadra como articulador de consensos e promotor de uma ordem internacional consonante aos desafios do mundo contemporâneo. Durante

sua presidência, o Brasil pode propor iniciativas que fortaleçam a cooperação em áreas como segurança alimentar, transição energética, inovação tecnológica e integração de cadeias produtivas entre os membros.

A capacidade do Brasil de atuar entre diferentes blocos de poder se tornou ainda mais relevante no contexto da atual fragmentação geopolítica. O Brasil pode atuar como uma ponte entre o Ocidente e o Oriente. A inserção brasileira no âmbito do BRICS não significa tomada de posição antiocidental e tampouco representa um alinhamento geopolítico e securitário contra países aliados e parceiros estratégicos no hemisfério ocidental. É importante salientar que para o Brasil o BRICS não representa, e não deve representar, um grupo securitário. Pelo contrário, trata-se de uma plataforma de cooperação e projeção internacional do Brasil.

Essa condição confere ao Brasil uma vantagem geoestratégica relevante. Ao mesmo tempo em que o Brasil mantém sólidas relações históricas, políticas e econômicas com Estados Unidos e Europa, o país também participa ativamente de plataformas associativas que expressam as aspirações de reforma da ordem internacional e a ascensão de novas potências globais e regionais. Para o Brasil, o BRICS assim como outros mecanismos multilaterais, servem ao interesse nacional brasileiro como uma via para o país de ampliar sua influência global e de transitar entre diferentes blocos, promovendo soluções negociadas para os grandes desafios internacionais.

No âmbito do BRICS, essa habilidade se traduz em propostas construtivas que buscam compatibilizar interesses divergentes e construir consensos. Ao adotar uma postura de equilíbrio e pragmatismo, o Brasil amplia sua margem de manobra internacional, preserva sua autonomia estratégica e reforça sua imagem como país comprometido com a paz, a cooperação e a inclusão global. Essa atuação como ponte diplomática não apenas fortalece a posição brasileira no BRICS, mas também projeta o país como liderança incontornável nos debates sobre a arquitetura do século XXI.

Como maior potência latino-americana, o Brasil possui clareza de sua responsabilidade global e regional. Nesse contexto, interpretações alusivas de que o BRICS constitui uma plataforma antiocidental sob a liderança da China e da Rússia não apenas representa um equívoco de avaliação estratégica, mas também uma visão que vai contra os princípios norteadores da política externa brasileira. Da perspectiva brasileira, o BRICS representa, ao contrário, um esforço legítimo de afirmação de uma ordem internacional mais equilibrada, multipolar e inclusiva, sem hegemonias ou imposição de interesses particulares. A atuação coordenada dos BRICS visa a ampliar a representatividade nas estruturas de governança

global, tais como o G20 ou Nações Unidas, promovendo a cooperação entre diferentes regiões e modelos de desenvolvimento, e não fomentar rivalidades geopolíticas.

A inclusão de novos membros, pós-Conferência de Johannesburgo, exige pragmatismo e uma avaliação prudente sobre o futuro papel do Brasil no âmbito do bloco. Ainda que se possa discutir a relativa diluição da influência do Brasil nesse foro no curto prazo, é importante sublinhar que, diante de um mundo cada vez mais complexo, competitivo e fragmentado, a inclusão de novos membros pode gerar uma sinergia positiva para a solução de temas cruciais da geopolítica mundial. A heterogeneidade do bloco constitui uma força e não um ponto de fraqueza. A diversidade do BRICS é sua virtude e não sua fragilidade. É preciso saber navegar e ser ousado nas discussões internas deste novo BRICS que se constrói, sem perder de vista os objetivos fundamentais de ampliação de influência global do bloco e da consecução do interesse nacional.

A percepção de uma ordem internacional em transformação gera tensões e leva as potências ocidentais a articularem respostas coordenadas em relação aos países do BRICS. Nesse contexto, é fundamental que o Brasil preserve sua posição histórica de autonomia, pluralidade de alianças e defesa do multilateralismo. O BRICS deve ser valorizado como um espaço de diálogo e cooperação, não de confrontação. A tradição diplomática brasileira, pautada pelo universalismo, pela resolução pacífica de conflitos e pela busca de soluções concertadas, oferece uma base sólida para a atuação do país no âmbito do grupo.

Um dos principais vetores que o BRICS oferece ao Brasil, é a possibilidade de atuar em diversos tabuleiros de múltiplos continentes e, ainda, no contexto de temas difusos da ordem internacional. O bloco não representa uma escolha entre Oriente e Ocidente, mas uma afirmação de uma política externa autônoma e alinhada às necessidades de desenvolvimento econômico, fortalecimento institucional e projeção internacional do Brasil.

Com efeito, a consolidação do BRICS como plataforma estratégica reforça o papel do bloco como uma ponte importante do Brasil para a Ásia, para a defesa do multilateralismo e para a reforma da governança global. O BRICS facilita o acesso a mercados em expansão, permitindo que o Brasil reduza sua dependência de parceiros tradicionais e aproveite a ascensão econômica asiática para impulsionar seu próprio crescimento sustentável e inclusivo. No plano político e diplomático, o BRICS posiciona o Brasil como ator relevante na construção das novas dinâmicas de governança e no mundo.

Como centro de pensamento independente, o CEBRI pretende colaborar ativamente para fortalecer o papel do Brasil no BRICS, promovendo uma visão que valorize a autonomia, a pluralidade de alianças e o compromisso com o multilateralismo. Para o CEBRI, o BRICS representa uma plataforma de diálogo e cooperação e não um mecanismo de confrontação. Com esse espírito, o CEBRI buscará contribuir para que o Brasil atue como ponte entre diferentes regiões e modelos de desenvolvimento.

Atento às dinâmicas internas do bloco e às transformações geopolíticas, o CEBRI procurará reafirmar que a participação responsável e contínua do Brasil no BRICS fortalece o desenvolvimento nacional, amplia sua estatura internacional e contribui para a construção de uma ordem internacional mais equilibrada e inclusiva. Em um mundo em rápida transformação, o BRICS representa para o Brasil a oportunidade de se afirmar como um dos principais construtores de uma ordem global em transformação.

---

# CEBRI

*Um espaço para pensar,  
dialogar, disseminar e  
influenciar o futuro.*

O Centro Brasileiro de Relações Internacionais (CEBRI) é um *think tank* independente e plural que há 26 anos lidera debates sobre soluções inovadoras para os grandes temas globais, na perspectiva dos interesses do Brasil. Contribuímos com a construção de uma agenda para a política externa do país. Com uma rede de especialistas, oferecemos aos tomadores de decisão propostas de políticas públicas consistentes para a promoção do desenvolvimento e a inserção do país na economia mundial. Estamos particularmente dedicados à construção de projetos em setores essenciais para a sociedade do século XXI, como a transição energética e a transformação digital, motores de crescimento econômico e prosperidade social. Com sedes no Rio de Janeiro e em São Paulo, o CEBRI tem reconhecimento internacional. Reunimos mais de cem empresas dos principais setores da economia, além de instituições, representações diplomáticas e sócios individuais que representam um amplo arco de interesses. Nosso Conselho Curador é formado por renomados diplomatas, intelectuais e empresários, com papel fundamental na definição de estratégias da instituição, assegurando a excelência de nossas iniciativas.

Acesse [cebri.org](http://cebri.org)